

A PESCA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL: TRATAMENTO TERMINOLÓGICO DOS TERMOS FUNDAMENTAIS¹

José Freire da Fonseca Agripino²
Babini Maurizio³

Resumo: A pesca é uma atividade muito importante do ponto de vista econômico e social em toda região amazônica. A leitura de textos desse tema revelou a presença de uma terminologia ainda não sistematizada e o registro de poucas pesquisas e publicações científicas sobre a terminologia dessa atividade. Este artigo tem como objetivo geral analisar os termos fundamentais da pesca. Num primeiro momento, apresentaremos um breve histórico dessa atividade na Amazônia Ocidental, particularmente em Rondônia. O suporte teórico foi norteado por Cabré (1999), com sua Teoria Comunicativa da Terminologia, Aubert (1996), Barbosa (2002), Barros (2004), Biderman (2006), Babini (2006) e linguistas como Baldinger (1966) e Pottier (1974) que revelam os pormenores linguísticos de uma análise terminológica. A constituição de um *corpus* eletrônico, a partir de textos de divulgação técnica e documental, teses e sites, compôs a primeira etapa de nosso trabalho. Sucessivamente, coletamos os termos e preenchemos as fichas terminológicas de nossa base de dados. Os termos foram organizados em um sistema conceitual com três campos nocionais: comunidade ribeirinha, tipo de pesca, apetrecho de pesca. Os primeiros resultados mostram que o conjunto de termos coletados se caracteriza pela forte presença de termos simples e complexos, e menos termos compostos.

Palavras-chave: Amazônia Ocidental, Pesca, Terminologia.

Abstract: Fishing is a very important activity in terms of economic and social development throughout the Amazon region. Text reading this topic revealed the presence of a terminology not yet systematized and record little research and scientific publications on the terminology of this activity. This article aims at analyzing the key terms of fishing. At first, we present a brief history of this activity in Western Amazonia, particularly in Rondônia. The theoretical support was guided by Cabré (1999), with her Communicative Theory of Terminology, Aubert (1996), Barbosa (2002), Barros (2004), Biderman (2006), Babini (2006) and linguists as Baldinger (1966) and Pottier (1974) that reveal the details of linguistic analysis terminology. The creation of an electronic corpus, from texts of technical and documental discourse, theses and websites, composed the first stage of our work. Afterwards, collect the terms and fill the terminological records in our database. The terms were organized into a conceptual system with three notional fields: riverside community, type of fishing, gillnet fishing. Early results show that the set of terms collected is characterized by the strong presence of simple and complex terms, and less compound terms.

Keywords: Western Amazonia, fishing, terminology.

0. Introdução

¹ Artigo oriundo das pesquisas para a tese em estudos linguísticos intitulada “Dicionário Terminológico dos Termos Fundamentais do Sistema de Produção do tabaqui criado em cativeiro no estado de Rondônia.” UNESP/IBILCE - Universidade Estadual Paulista/Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. DLM - Departamento de Línguas Modernas. São José do Rio Preto/SP. 15054-000. E-mail: pos@ibilce.unesp.br.

² Orientando - (UNIR/Porto Velho/RO e PPGEL/UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto/SP). E-mail: agripino.freire@gmail.com.

³ Orientador - (PPGEL/UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto/SP). E-mail: maurizio@ibilce.unesp.br.

Neste artigo, propomos dar um tratamento terminológico aos termos fundamentais da pesca que se pratica na Amazônia Ocidental, em particular nos estados do Amazonas e Rondônia. Este artigo faz parte dos desdobramentos oriundos da pesquisa que estamos fazendo sobre a piscicultura desenvolvida na Amazônia Ocidental.

Uma pesquisa em terminologia se caracteriza pela descrição e análise das línguas de especialidade, o que significa dizer que ela trata da linguagem técnica, artística, científica e especializada nos aspectos morfossintáticos, léxico-semântico e pragmático. Dessa forma, propomos coletar os termos mais representativos da atividade da pesca, no contexto amazônico, e analisá-los, priorizando os aspectos morfossintáticos e léxico-semânticos, considerando o espaço restrito de um artigo.

Falaremos da atividade pesqueira nessa região da Amazônia Ocidental e sua importância para o desenvolvimento sustentável. Veremos que a pesca ocorre de diversas maneiras.

Focaremos nossa orientação teórica sobre a terminologia a partir de estudiosos renomados da área, com ênfase nos aspectos mencionados acima. Na sequência, relacionaremos alguns termos relacionados com a pesca desenvolvida na Amazônia Ocidental. Estes termos compõem um sistema conceitual organizado em torno de três campos nocionais que são: tipos de pesca, população ribeirinha e apetrechos de pesca. Em seguida, apresentaremos uma análise morfossintática e léxico-semântica desses termos.

1. A pesca na Amazônia Ocidental

A pesca na Amazônia Ocidental apresenta uma complexidade bastante elevada e pode ser analisada sob vários fatores, como atestam Freitas e Rivas (2006) (1), Coimbra (2009) (2), Lima (2010) (3), Souza (2008) (4). Segundo Freitas e Rivas, tais fatores são: a) o predomínio de procedimentos artesanais na detecção dos cardumes e nas operações de captura, refletido isso na variedade de apetrechos e estratégias de pesca; b) fatores ambientais e mercadológicos, que propiciam oferta e demanda para uma elevada diversidade de espécies, incomum em pescarias comerciais; c) os diferentes tipos de usuários dos recursos pesqueiros, com diferentes estratégias de pesca e diferentes comportamentos frente aos recursos e ao ambiente.

Ainda de acordo com esses pesquisadores, há, simultaneamente, seis modalidades de pesca na bacia amazônica: pesca de subsistência, pescaria comercial multiespecífica, pescaria

comercial monoespecífica, pesca em reservatórios, pesca esportiva e pescaria de espécies ornamentais.

Veremos, com Freitas e Rivas, os principais recursos explorados em cada uma dessas modalidades de pesca, o estado de sustentabilidade do processo de exploração e, por fim, algumas estratégias de manejo promissoras para a pesca amazônica.

1.1 Modalidades de pesca na Amazônia Ocidental

1.1.1 A pesca de subsistência

Atividade difusa, praticada pelas populações ribeirinhas de toda a Amazônia, sem local específico para desembarque. Segundo os autores, o elevado consumo de pescado, cerca de 550 g/per capita.dia na Amazônia Central, fornece uma idéia da importância social dessa pescaria, que pode representar até 60% de todo o pescado capturado anualmente na região. O apetrecho de pesca predominante é a malhadeira, de uso fácil por uma única pessoa, podendo desenvolver outras atividades, enquanto a rede permanece armada.

Explora uma grande diversidade de espécies, com predominância de espécies que habitam os lagos de várzea. Para Freitas e Rivas, a interação dos ribeirinhos com o ecossistema aquático amazônico se caracteriza por apresentar, no processo de exploração dos recursos pesqueiros padrões sazonais em seu uso, na exploração de ambientes e na escolha dos apetrechos de pesca.

1.1.2 A pesca comercial

1.1.2.1 A pesca comercial multiespecífica

Essa pesca explora principalmente estoques de jaraquis, matrinxã, pacus, tambaqui e curimatã. Os desembarques são bastante influenciados pelo ciclo hidrológico. Um pico de produção ocorre no primeiro semestre do ano, geralmente entre os meses de abril e junho, período de enchente-cheia, coincidente com a migração de algumas espécies de Characiformes, como jaraquis, matrinxã, pacus e curimatã. O segundo aumento nos desembarques coincide com o período de vazante, no segundo semestre, e decorre do aumento da produtividade das pescarias nos lagos.

Avalia-se que apenas o tambaqui encontra-se em regime de sobrepesca. Entretanto, considerando-se a elevada intensidade de exploração dos jaraquis e da curimatã recomenda-se

a manutenção de um contínuo monitoramento do estado dos estoques dessas espécies e, provavelmente, de estratégias pró-ativas de manejo pesqueiro.

1.1.2.2 A pesca comercial monoespecífica

As espécies-alvo dessa pescaria são a piramutama, dourada, piraíba, surubim, caparari, pirarara e mapará. A maior parte da captura é exportada para outros estados brasileiros e para o exterior.

A pesca das espécies desse grupo assume características industriais na foz do rio Amazonas e artesanais no interior da bacia hidrográfica, principalmente ao longo do eixo Solimões-Amazonas.

1.1.3 A pesca de reservatórios

Essa modalidade de pesca surge na Amazônia a partir da formação de grandes reservatórios para geração de hidroeletricidade, em particular os reservatórios de Tucuruí, no rio Tocantins, e Balbina, no rio Uatumã. Entretanto, a sustentabilidade dessas pescarias vem sendo discutida, uma vez que a alta produtividade dos anos imediatamente após a formação da barragem é, em geral, substituída por valores situados em um patamar inferior ao observado antes do fechamento da represa.

A redução nos desembarques da pesca comercial e o crescimento de uma indústria de pesca esportiva têm levado os pescadores do reservatório da UHE Balbina, na Amazônia Central, a considerar a opção de passarem de pescadores a guias de pescadores esportivos, hipótese que foi analisada em pesquisa realizada em 2003.

1.1.4 A pesca esportiva

O crescimento dessa atividade está diretamente relacionado à presença de grandes exemplares de tucunarés em rios de águas pretas da bacia. O comportamento agressivo das espécies desse grupo vem atraindo aficionados pela pesca esportiva de todo o mundo. Atualmente, o principal local de exploração é a região que abrange o médio rio Negro e seus afluentes, com destaque para os rios Jurubaxi, Aracá, Demeni, Cuiuni, Caurés, Paduairi e Unini.

É uma atividade com grande potencial de crescimento e os pacotes vendidos no exterior para um período de sete dias oscilam em torno de US\$ 3 mil durante a temporada, que se estende, em geral, de outubro a março, coincidindo com o nível baixo das águas. A modalidade predominante é a pesca-e-solta.

1.1.5 A pesca de espécies ornamentais

É uma modalidade de pesca voltada para a captura de pequenos peixes usados em aquariofilia. As espécies mais capturadas são: cardinal néon, tetra, rosacéu, rodóstomo, borboleta e coridora, além de algumas arraias. Os municípios de Barcelos e Santa Isabel do Rio Negro, localizados ao longo da bacia do rio Negro, são considerados os principais postos de comércio de peixes ornamentais. Essa atividade na região é tão importante que, somente no município de Barcelos, a pesca ornamental contribui com mais de 60% na renda da cidade.

A pesca ornamental é de caráter artesanal, sendo desenvolvida a partir do profundo conhecimento empírico dos pescadores, localmente denominados de piabeiros. A exploração destes peixes de pequeno porte é realizada nos afluentes do rio Negro, predominantemente em pequenos igarapés e igapós. Os principais apetrechos da pesca ornamental são o rapiché, o cacurí e a armadilha, sendo que o primeiro é utilizado com maior frequência pelos piabeiros.

1.2 Manejo da pesca e dos recursos pesqueiros

Segundo Freitas e Rivas, para o manejo da pesca e dos recursos pesqueiros, algumas considerações especiais devem ser levadas em conta, sobretudo ao que diz respeito ao manejo de pescarias fluviais: 1. As assembléias de peixes são bastante complexas, sendo o número de espécies fortemente correlacionado com a área da bacia; 2. As pescarias são bastante complexas, envolvendo uma grande diversidade de apetrechos e de estratégias; 3. As populações de peixes flutuam amplamente em resposta às variações anuais de precipitação e inundação.

Os pesquisadores apontam quatro estratégias de manejo possíveis: (i) proibir permanentemente a pesca comercial; (ii) manejar visando à manutenção da diversidade da captura atual; (iii) gerenciar a pesca tendo como objetivo prioritário a maximização da produção pesqueira; e (iv) manter o status quo.

Eles declaram que outros pesquisadores ressaltam a necessidade de estratégias de manejo determinadas pelas características ecológicas do grupo de espécies-alvo de cada pescaria e que a estratégia de manejo da pesca das espécies migradoras deve compreender uma complexa combinação de restrições que conciliem a exploração dos estoques com os movimentos migratórios, reconhecendo a importância destes no ciclo de vida dessas espécies.

Alguns resultados positivos de estratégias de co-manejo pesqueiro, através da transferência de responsabilidade pela elaboração, implementação e fiscalização do poder público para a sociedade civil, principalmente na forma de acordos de pesca, é um caminho

promissor, acreditam Freitas e Rivas, em particular, por reconhecer que a pesca amazônica requer estratégias de manejo com múltiplos objetivos, que atuem simultaneamente ao nível do recurso e da própria pesca. Além do que, permite o desenvolvimento de estratégias em nível local, reconhecendo a heterogeneidade ambiental, das modalidades de pesca e dos conflitos pelo uso dos recursos pesqueiros ao longo da bacia.

Além das estratégias descritas anteriormente, Freitas e Rivas alertam que é importante considerar a possibilidade de utilização de instrumentos econômicos na gestão da pesca. Segundo eles, há algumas possibilidades já testadas em várias partes do planeta como o sistema de quotas, mas que ainda são incipientes na região. Devido ao fracasso de várias dessas tentativas, quase sempre pela concentração final das quotas nos usuários com maior poder econômico, há certa resistência quanto ao seu uso. Novas possibilidades, porém, leva em conta a utilização de instrumentos mistos compostos por mecanismos do tipo comando-e-controle e econômicos. Por fim, concluem que uma possibilidade seria a implantação de quotas negociáveis de pesca em que o Estado permanece como proprietário e as cede por períodos pré-estabelecidos, tornando seu comércio direto uma prática inviável.

Após breve exposição sobre a pesca na Amazônia, voltaremos nossa atenção para os termos e seus aspectos linguístico-terminológicos que serão tratados neste artigo.

2. Fundamentação teórica

Os estudos e pesquisas sobre o léxico especializado ganharam dimensão científica a partir dos anos 30, com a contribuição da escola de Viena, que tinha em Eugene Wüster (5) seu principal representante. Mas, foi nos anos 90, com os trabalhos de Cabré (6) que a terminologia ampliou sua compreensão sobre o seu objeto de estudo: o termo. De caráter meramente monossêmico, como encontrado na TGT de Wüster, o termo passa a uma dimensão polissêmica, visão compreendida e defendida na TCT de Cabré.

Vários estudiosos desenvolveram pesquisas enfatizando as conquistas para a terminologia com o advento das propostas de Cabré, como podemos atestar em Aubert (1996) (7), Barbosa (2002) (8), Barros (2004) (9), Biderman (2006) (10).

A partir desses trabalhos, o léxico especializado ganha importância cada vez maior nos estudos acadêmicos, com a valorização de textos técnicos, científicos e especializados, bem como é dada uma atenção especial ao estudo dos dicionários, sejam eles semasiológicos ou onomasiológicos.

Sobre o percurso dos trabalhos terminológicos, observamos como se comportam a partir dos trabalhos de autores como Baldinger (1966) (11) e, mais recentemente, Babini (2006) (12).

Propomos neste artigo dar um tratamento terminológico aos termos fundamentais da pesca desenvolvida na Amazônia Ocidental. Vamos analisar os aspectos morfossintáticos e léxico-semânticos das unidades terminológicas coletadas. Para tanto, nos apoiaremos, na teoria das lexias proposta por Pottier (1974) (13), sob a ótica de Barros (2004).

Barros (2004), neste capítulo, trata da *unidade terminológica*, e de como ela se constitui na *designação dos conceitos*. Segundo Barros, são os *termos*, os *símbolos e as formas braquigráficas* que designam os *conceitos*, nos textos técnicos, científicos e especializados.

Os termos se apresentam como unidades lingüísticas, os símbolos se manifestam “em forma de letras, números, pictogramas ou de qualquer combinação desses elementos”, e as unidades braquigráficas são “compostas de letras, de números ou de símbolos especiais (não alfanuméricos), formadas por diferentes combinatórias desses elementos, ou, enfim, por meio do agrupamento de uma unidade lingüística plenamente articulada com elementos braquigráficos”.

Para este artigo, interessam-nos as designações representadas pelos termos, ou seja, pela unidade terminológica.

Barros afirma que “entre as diferentes categorias funcionais (classe nominal, dos determinantes, prepositiva, verbal, adjetival, adverbial etc.), a classe lexical de base nominal (substantivos) ocupa um lugar de destaque nos estudos em línguas de especialidade”.

Quanto a sua estrutura morfossintática, a unidade terminológica se apresenta constituída de um único lexema ou de uma sequência lexemática. Pode ser *simples*, quando constituída de um só radical, com ou sem afixos, ou *complexa*, quando constituída de dois ou mais radicais, a que se podem acrescentar outros elementos. Na situação primeira, temos como exemplo: rios, peixe, pesca; na segunda, temos: pesca de subsistência, pesca comercial, pesca esportiva.

Uma terceira apresentação do termo é o *composto*, que se caracteriza pela presença do hífen em sua composição: pescador-lavrador, pescador-morador, peixe-boi.

Barros (2004) ressalta, ainda, que considera como termos simples as unidades lexicais compostas por aglutinação, como *fidalgo*, e pela justaposição sem hífen de dois ou mais radicais, como *passatempo*.

As unidades terminológicas formadas por um único lexema podem ainda ser chamadas de *termos lexemáticos* ou *termos-palavras* e as unidades terminológicas constituídas de diversos lexemas (termos complexos e compostos) são também ditas *termos sintagmáticos*, *termos-sintagmas* ou ainda *sintagmas terminológicos*.

No discurso científico e especializado, a produtividade discursiva exprime-se em grande parte pela criação de termos de tipo sintagmático. A produção neológica com base em oposições distintivas entre unidades terminológicas que têm como lexema-base um hiperônimo (termo mais genérico) constitui o processo mais comum de formação de termos nas línguas de especialidade, como nos seguintes conjuntos de sintagmas terminológicos:

pesca de subsistência
pesca comercial multiespecífica
pesca comercial monoespecífica
pesca em reservatórios
pesca esportiva
pesca de espécies ornamentais
pesca ornamental

Os termos complexos podem ter tamanhos diferentes. Nas séries acima, os sintagmas terminológicos chegam a compor-se de várias unidades lexemáticas, tendo **pesca** como lexema-base.

Os critérios *léxico-semânticos* que servem para identificação e delimitação dos termos sintagmáticos baseiam-se no grau de lexicalização destes. Os graus de lexicalização determinam os limites da unidade terminológica.

Barros (2004) assinala que a *lexicalização* é o processo que se inicia na *sintaxe* e se conclui no *léxico*, no momento em que uma sequência de unidades lexicais transforma-se em uma única unidade léxico-semântica.

De forma bastante sucinta, apresentaremos, abaixo, os graus de lexicalização que nos auxiliaram na identificação dos termos da pesca que constam neste artigo. Vejamos:

- **não-autonomia**: formam uma unidade léxico-semântica: peixe-boi⁴.
- **impossibilidade de comutação**: não pode haver troca dos elementos: peixe-vaca.
- **não-separabilidade dos componentes**: esse peixe é um boi.
- **particularidade da estrutura interna**: peixe-gordo-boi (não aceitável).
- **definição especializada para o sintagma analisado**: tambaqui é um peixe de piracema.

⁴ O peixe-boi é um mamífero, não é peixe. Ele está aqui enquanto unidade linguística, uma unidade léxico-semântica como exemplificação teórica para o que se propõe neste artigo.

- **caráter sistêmico:** Tipos de pesca: artesanal comercial, esportiva, ornamental.
- **maneabilidade:** uso constante do termo: pesca, pescador, pescaria, pescado
- **imprevisibilidade semântica:** os termos são conhecidos separadamente: peixe,boi
- **coocorrência:** os termos aparecem sempre nos textos estudados: produtos aquáticos.
- **estabilidade e memorização:** se estabelece através do uso: tambaqui é um peixe nobre dos rios da Amazônia.

Os critérios acima mencionados definem com precisão os graus de lexicalização dos candidatos a termos que deverão compor um sistema conceitual de um domínio pesquisado. Todavia, conforme afirma Barros (2004) em seu Curso básico de terminologia, não é prudente que o pesquisador se baseie em apenas um dos critérios para determinar qual candidato a termo seja de fato uma unidade terminológica capaz de fazer parte do conjunto de termos selecionados.

Convém que o pesquisador utilize mais de um desses critérios para que não haja dúvida no momento da recolha dos termos após a leitura cuidadosa dos textos que compõem seu corpus de pesquisa.

Vejamos, agora, a metodologia utilizada para a pesquisa que originou este artigo.

3. Metodologia da pesquisa

A metodologia empregada neste artigo se constitui dos seguintes passos: Delimitação do domínio, Constituição do corpus, seleção dos termos, organização do sistema conceitual e dos campos nocionais.

3.1 Delimitação do domínio

A pesca, enquanto domínio de estudo, é muito extenso. Dessa forma, delimitamos esse domínio e analisaremos os aspectos terminológicos da pesca que é praticada na Amazônia Ocidental, que compreende os estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima.

Não analisaremos a pesca praticada em cada estado individualmente, mas de modo geral. Também não vamos analisar todos os aspectos relacionados à pesca, mas apenas os termos relacionados aos campos nocionais citados anteriormente: comunidades ribeirinhas, tipos de pesca e apetrechos de pesca.

3.2 Constituição do corpus

Para a composição deste artigo, nos apoiamos na leitura dos seguintes textos, dos quais retiramos os termos aqui analisados:

(1) FREITAS, Carlos Edwar de Carvalho e RIVAS, Alexandre Almir Ferreira. **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Ocidental**. Ciência e Cultura, São Paulo, vol.58, n. 3, July/Sept. 2006.

(2) LIMA, Maria Alice Lima. **A pesca em duas comunidades ribeirinhas na região do médio rio Madeira, Porto Velho – RO**. 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Pesqueiras nos Trópicos). Universidade Federal do Amazonas: UFAM, Manaus, 2010.

(3) COIMBRA, Artur Bicelli. **A pesca de subsistência na Terra Indígena Lago Ayapuá, baixo rio Purus, Amazônia Central**. 2009, 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia). Universidade Federal do Amazonas: UFAM, Manaus, 2009.

(4) SOUSA, Raniere Garcez Costa et al. **Mudanças Sociais na Pesca Artesanal: Um Estudo a partir da Pressão Sobre o Estoque de Tambaqui (Colossoma macropomum, Cuvier, 1818) do Lago Grande de Manacapuru (AM)**. In: IV Encontro Nacional da Anppas, 4,5 e 6 de junho de 2008, Brasília - DF – Brasil.

3.3 Seleção dos termos

Primeiramente, fizemos uma leitura cuidadosa dos textos citados acima para apreciação criteriosa das unidades lexicais que poderiam vir a ser candidatos a termos. Em seguida, selecionamos os que consideramos como termos, manualmente.

Para este artigo selecionamos 54 (cinquenta quatro) termos num universo de aproximadamente 100 unidades linguísticas.

Finalmente, agrupamos estes termos num sistema conceitual, como veremos abaixo.

3.4 Organização do sistema conceitual e dos campos nocionais

O sistema conceitual aqui apresentado é apenas uma breve amostra de um sistema conceitual da pesca que se pratica na Amazônia Ocidental. Não se pretende expor um sistema conceitual deste domínio em sua plenitude num espaço restrito como este.

Dessa forma, o sistema conceitual está composto de apenas três campos nocionais que são: comunidades ribeirinhas, tipos de pesca e apetrechos de pesca.

Vale a pena salientar que a totalidade dos termos da pesca é muito mais expressiva do que aqui se apresenta. Todavia, por se tratar de uma amostra, selecionamos alguns termos para que pudéssemos analisá-los neste artigo.

Vejamos:

| Sistema Conceitual da Pesca na Amazônia Ocidental | | |
|--|--------------------------|-------------------------|
| 1.1 tipos de pesca | 1.2 população ribeirinha | 1.3 apetrechos de pesca |

| | | |
|--|--|---|
| 1.1.1 amadora 1.1.2 artesanal 1.1.3 comercial 1.1.3.1 comercial monoespecífica 1.1.3.2 comercial multiespecífica 1.1.4 de barragens 1.1.5 de subsistência 1.1.6 ornamental 1.1.7 esportiva 1.1.7.1 esportiva ornamental 1.1.8 predatória 1.1.9 profissional 1.1.10 pescaria 1.1.11 pesque-leve 1.1.12 pesque-pague 1.1.13 pesque-solte 1.1.14 sobrepesca | 1.2.1 barrageiro 1.2.2 camponês ribeirinho 1.2.3 estrutura de pequeno porte 1.2.4 grupo familiar 1.2.5 guia de pescadores esportivos 1.2.6 pequena comunidade 1.2.7 pequena vila 1.2.8 pescador 1.2.8.1 pescador de barragem 1.2.8.2 pescador-lavrador 1.2.8.3 pescador-morador 1.2.8.4 pescador profissional 1.2.8.5 pescador residente 1.2.9 piloto de botes 1.2.10 piabeiro 1.2.11 comunidade ribeirinha 1.2.12 subestruturas étnicas | 1.3.1 apetrecho 1.3.2 armadilha 1.3.3 barco 1.3.4 cacurí 1.3.5 canoa 1.3.6 cambada 1.3.7 casco de madeira 1.3.8 embarcação 1.3.9 frota pesqueira comercial 1.3.10 malhadeira 1.3.11 motores de centro 1.3.12 rabeta 1.3.13 rapiché 1.3.14 redes de nylon 1.3.15 redinha 1.3.16 remo 1.3.17 tramalha |
|--|--|---|

4. Tratamento dos dados

O tratamento terminológico que daremos aos termos da pesca selecionados para este artigo será de caráter morfossintático e léxico-semântico. Assim, tomando por base o arcabouço teórico exposto acima, iremos verificar como se comportam os termos quanto ao aspecto morfossintático, isto é, quantos e quais são os termos que podem ser classificados de simples, complexos e compostos.

Numa análise quantidade dos termos selecionados, constatamos 54 (cinquenta e quatro) termos relacionados à pesca que se pratica na Amazônia Ocidental num universo de aproximadamente 100 candidatos a termos e elaboramos a seguinte tabela de classificação morfossintática.

| TABELA DE CLASSIFICAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DOS TERMOS DA PESCA PRATICADA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL | | |
|---|--|--|
| TERMOS SIMPLES | TERMOS COMPLEXOS | TERMOS COMPOSTOS |
| barrageiro (2) pescador (2) piabeiro (2) pescaria (1) sobrepesca (1) apetrecho (3) armadilha (3) barco (3) cacurí (3) | comunidade ribeirinha (2) camponês ribeirinho (2) estrutura de pequeno porte (2) grupo familiar (2) guia de pescadores esportivos (2) pequena comunidade (2) pequena vila (2) pescador de barragem (2) pescador profissional (2) | pescador-lavrador (2) pescador-morador (2) pesque-pague (1) pesque-leve (1) pesque-solte (1) |

| | | |
|--|--|--|
| canoa (3) cambada (3) embarcação (3) malhadeira (3) rabeta (3) rapiché (3) redinha (3) remo (3) tramalha (3) | pescador residente (2) piloto de botes (2) população ribeirinha (2) subestruturas étnicas (2) tipos de pesca (1) pesca amadora (1) pesca artesanal (1) pesca comercial (1) pesca comercial monoespecífica (1) pesca comercial multiespecífica (1) pesca de barragens (1) pesca de subsistência (1) pesca de espécies ornamentais (1) pesca esportiva (1) pesca esportiva ornamental (1) pesca predatória (1) pesca profissional (1) apetrechos de pesca (3) casco de madeira (3) frota pesqueira comercial (3) motores de centro (3) redes de nylon (3) | |
|--|--|--|

Os números que estão entre parênteses, logo após os termos da tabela acima, fazem referência aos campos nocionais: (1) tipos de pesca, (2) população ribeirinha e (3) apetrechos de pesca.

Uma leitura atenta desta tabela mostra que os termos selecionados apresentam uma disparidade quantitativa bastante acentuada quando relacionamos os termos complexos aos termos simples e, mais ainda, quando os relacionamos aos termos compostos.

Num universo de 54 (cinquenta e quatro) termos, observamos que os termos complexos somam a quantidade de 31 (trinta e uma) unidades terminológicas, os termos simples somam 18 (dezoito) unidades terminológicas e os termos compostos completam a tabela com apenas 5 (cinco).

Numa análise percentual diríamos que os termos complexos cobrem 57,1 % do total, os termos simples 30,3 % e os termos compostos 11,6 % do total.

Para que pudéssemos compor este quadro-tabela de termos da pesca avaliamos os candidatos a termos a partir dos critérios semânticos que caracterizam o processo de lexicalização dos mesmos.

Verificamos que os termos recolhidos e aqui expostos nessa tabela se enquadraram nos critérios citados anteriormente.

Mais de um critério foi utilizado para que não ficasse dúvida quanto ao seu caráter semântico e assim poder ser classificado como uma unidade terminológica.

5. Resultados

Essa amostra dos termos da pesca apresenta, como resultado preliminar, os termos complexos em quantidade bastante diferenciada dos demais. Isso se deve, muito provavelmente, ao fato de que no discurso de línguas de especialidades há, sempre, uma grande quantidade de termos de tipo sintagmático que são também chamados de *termos-sintagmas* ou ainda *sintagmas terminológicos*, ou seja, aquelas unidades terminológicas constituídas de diversos lexemas, comuns tanto aos termos complexos quanto aos termos compostos.

A relação entre unidades linguísticas que se caracteriza pelo processo de hierarquia semântica encontra espaço nos fenômenos da hiperonímia e da hiponímia. Ocorre aqui o que se chama de oposições distintivas e é muito comum na produção de novos termos que se baseia no fato de ter como lexema-base um hiperônimo (termo mais genérico) seguido de um hipônimo (termo mais específico).

A formação de termos nas línguas de especialidade que se configura na junção de um hiperônimo mais um hipônimo é um processo bastante comum e, portanto, fator preponderante num número maior de unidades terminológicas.

Lendo a tabela de termos da pesca acima observamos que essa oposição distintiva ocorre com os termos *pesca* e *pescador*. Temos 12 (doze) termos tendo *pesca* como lexema-base (hiperônimo) e temos 05 (cinco) termos tendo *pescador* como lexema-base (hiperônimo). Os 12 (doze) termos (lexema-base = *pesca*) são todos termos complexos e os 05 (cinco) termos (lexema-base = *pescador*) são 03 (três) termos complexos e 02 (dois) termos compostos.

Temos ainda a presença do lexema-base de caráter verbal *pescar* que se apresenta na formação de 03 (três) termos compostos.

Assim sendo, os termos complexos bem como os termos compostos podem ter tamanhos diferentes e, conseqüentemente, em número muito maior do que os termos simples.

6. Dicionário Terminológico Onomasiológico da Piscicultura na Amazônia Ocidental

Essa pesquisa sobre a pesca na Amazônia Ocidental faz parte de uma outra maior que estamos realizando sobre a piscicultura que se desenvolve nesta região da Amazônia brasileira. Ao término dessa pesquisa, esperamos ter adquirido uma base de dados

terminológicos que seja capaz de nos proporcionar a criação de um dicionário terminológico onomasiológico.

Tentaremos, em poucas palavras, dizer o que se entende por dicionário terminológico onomasiológico e sua importância para os estudos do léxico especializado no meio acadêmico e social.

Primeiramente, precisamos entender bem que antes de dar início à criação de um dicionário o profissional, a priori, deve ter em mente o percurso que deve tomar. Considerando o espaço diminuto de um artigo, seremos sucintos em nossa exposição.

O dicionário é uma obra que trata do léxico de uma língua natural ou artificial. Por sua vez, o léxico de uma língua natural inclui a chamada **língua geral**, também conhecida como língua comum (comum a todos os seus usuários) e, a **língua** (ou **as línguas**) **de especialidade** (comum aos usuários de uma determinada área do conhecimento humano: artística, cultura, técnica e científica).

Dependendo do tipo de dicionário que se pretenda elaborar, o dicionarista deverá tomar uma importante decisão: qual o percurso a seguir? Ele deve saber, de antemão, se vai elaborar um dicionário que trate do léxico da língua geral ou do léxico da língua comum. Se optar por fazer um dicionário do léxico da língua geral, estará seguindo o percurso semasiológico. Caso sua opção seja pelo léxico da língua de especialidade, o percurso escolhido será o onomasiológico.

A diferença básica entre percurso semasiológico e percurso onomasiológico se encontra no exato momento em que necessitamos consultar uma obra como o dicionário.

Quando necessitamos saber o significado de uma palavra, fazemos o seguinte percurso: palavra → significado ou significados. Vamos ao dicionário e descobrimos o significado da palavra que procuramos. Como estamos procurando o significado, estamos fazendo um percurso semasiológico, pois, estamos seguindo o caminho que vai da palavra ao seu significado.

Todavia, muitas vezes, temos o significado, sabemos o que queremos, mas nos foge a denominação e nos perguntamos: “como é mesmo aquela palavra que significa...?”

Neste caso, temos o significado, mas nos falta a palavra, a denominação, o termo. Neste caso, o percurso realizado vai do significado para a denominação: significado ou significados → denominação. Temos, assim, o percurso onomasiológico.

Babini, tratando desse assunto, revela as diferenças básicas entre esses percursos:

O problema que um dicionário onomasiológico deve resolver é exatamente o inverso daquele de um dicionário semasiológico: dada uma idéia (noção ou

conceito), deve-se encontrar a unidade lexical ou o termo que a exprima. Em um dicionário semasiológico, o ponto de partida é o significante de um termo ou palavra; em um dicionário onomasiológico o ponto de partida é o significado. Assim, neste último tipo de obra lexicográfica deve-se encontrar um termo ou palavra desconhecida partindo do significado. Um *dicionário onomasiológico* ou de *caráter* onomasiológico é, portanto, um repertório em que é possível se passar da idéia (noção ou conceito) à unidade lexical. (BABINI, 2006, p. 3)

Assim, quando um dicionarista resolve elaborar um dicionário e faz opção pelo léxico de uma língua de especialidade, ele vai trabalhar com a recolha da unidade linguística denominada terminológica, isto é, com o termo, que é a unidade linguística dos estudos terminológicos.

Exemplificando com a nossa pesquisa, teremos: qual ou quais são as modalidades de pesca desenvolvida na Amazônia Ocidental? Quais grupos sociais formam a chamada população ribeirinha? Quais são os tipos de petrechos utilizados para cada modalidade de pesca? Ao encontrar as respostas a essas perguntas, o terminólogo encontrará os termos que melhor possam representar, caracterizar, a pesca desenvolvida na região amazônica.

Esse percurso, que vai da ideia ao termo, caracteriza o que se chama de onomasiológico.

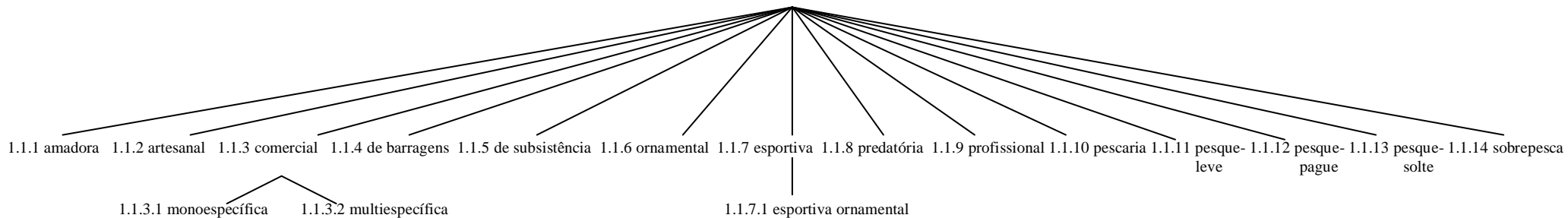
Essas palavras sobre o que vem a ser um dicionário terminológico onomasiológico serve de apresentação ao dicionário que pretendemos elaborar como um dos resultados da pesquisa que ora estamos empreendendo sobre a piscicultura na Amazônia Ocidental. Esse dicionário, que propomos criar, tem, provisoriamente, a seguinte denominação: Dicionário Terminológico Onomasiológico da Piscicultura na Amazônia Ocidental.

Há diversas maneiras de apresentação dos termos numa pesquisa terminológica. Pode ser por meio da lista sistemática, já apresentada acima, ou através da árvore conceitual. Vale salientar que há outras formas de apresentação, mas fiquemos com essas duas.

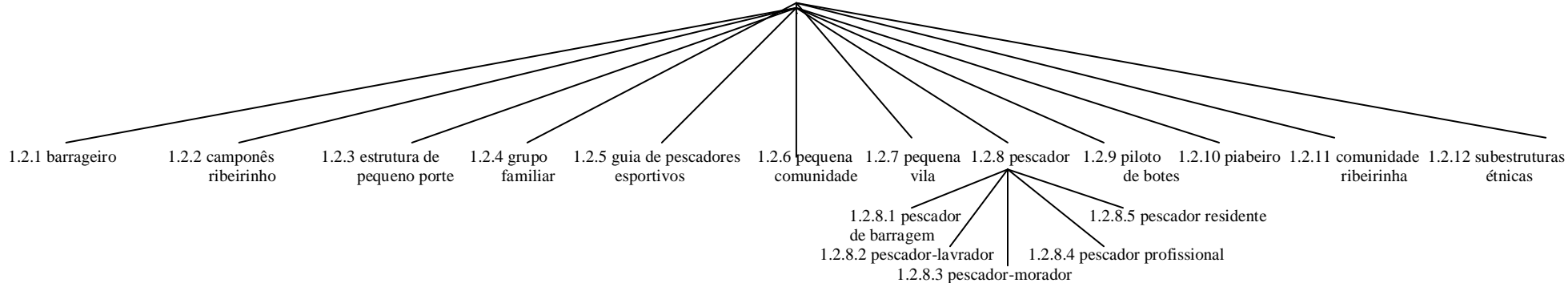
Abaixo, apresentamos a árvore conceitual e a definição de um dos termos através de uma ficha terminológica e de forma já dicionarizada.

1. pesca

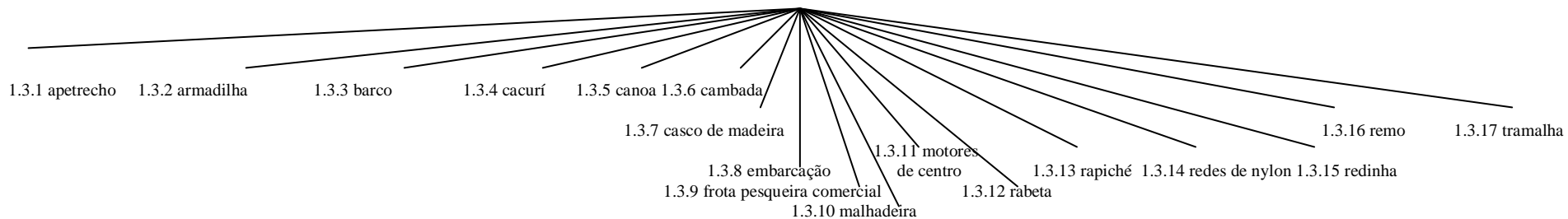
1.1. tipos de pesca



1.2 população ribeirinha



1.3 apetrechos da pesca



Exemplo de como estão sendo tratados os termos na confecção do Dicionário Terminológico Onomasiológico da Piscicultura na Amazônia Ocidental.

Ficha terminológica

Símbolo

1.

Entrada

pesca

Categoria gramatical

s.f.

Definição

ato ou prática de retirar espécies aquáticas de aproveitamento econômico ou não, menos as ameaçadas de extinção.

Domínio de proveniência

economia

Contexto

“A Pesca é uma das atividades produtivas mais antigas da Humanidade. Os recursos pesqueiros marítimos, costeiros e continentais constituem importante fonte de renda, geração de trabalho e alimento e têm contribuído para a permanência do homem no seu local de origem.”

Fonte do contexto

<http://www.mpa.gov.br/index.php/pescampa/artesanal>

Outras designações

pescaria

Ilustração

Obs. Sempre que for possível, haverá uma ilustração em cada verbete, em nosso dicionário.

Definição terminológica

1. pesca s.f. ato ou prática de retirar espécies aquáticas de aproveitamento econômico ou não, menos as ameaçadas de extinção. Dom. Economia. “A Pesca é uma das atividades produtivas mais antigas da Humanidade. Os recursos pesqueiros marítimos, costeiros e continentais constituem importante fonte de renda, geração de trabalho e alimento e têm contribuído para a permanência do homem no seu local de origem.” (Fonte: <http://www.mpa.gov.br/index.php/pescampa/artesanal>). V. pescaria. Ilustração.

Esperamos realizar um trabalho que possa ser útil aos pesquisadores e produtores de peixes em cativeiro.

7. Considerações finais

Os estudos e as pesquisas em línguas de especialidade se mostram muito avançados dentro e fora do Brasil, mas não são ainda uma realidade, digamos assim, por demais comum nos estados da Amazônia brasileira, mormente, nos estados da região norte.

A pesca é uma atividade muito complexa e engloba diversas áreas do conhecimento, sendo vital para a sobrevivência humana e para a preservação do meio-ambiente. Essa atividade pode contribuir muito para o que vem se chamando de desenvolvimento sustentável.

Isso tudo implica na construção de uma terminologia ampla e rica em detalhes quanto aos aspectos morfosintáticos e léxico-semânticos, além dos aspectos pragmáticos.

O presente artigo tem a finalidade de contribuir para estudos e pesquisas que se voltem para o léxico especializado e que as terminologias possam ser este objeto no meio acadêmico amazônico de forma constante e permanente.

A Amazônia possui um leque de áreas especializadas a serem exploradas no tocante ao seu léxico e os estudos e as pesquisas em terminologia podem dar um grande contributo na divulgação e na valorização dos que produzem produtos e conhecimento ligados a essa parte do Brasil.

Dessa forma, esperamos ter colaborado com o propósito de divulgar e despertar nos leitores o interesse pelos estudos e as pesquisas do léxico especializado.

07. Referências bibliográficas

- AUBERT, Francis Henrik. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. Cadernos de terminologia 2. São Paulo: Humanitas, 1996.
- BABINI, Maurizio. **Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos**. Ciência e Cultura (SBPC), São Paulo, v. 58, n. 2, 2006.
- BALDINGER, Kurt. **Semasiologia e onomasiologia**. ALFA Revista de linguística. V. 9. São Paulo: Págs. 07-36, 1966.
- BARBOSA, M. A. (2002) – **Transposições vocabulares e terminológicas em campos lexicais - ensino da metalinguagem técnico-científica**. In: VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2003, Rio de Janeiro - RJ. VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Ano VI, n.0. 07. Rio de Janeiro - RJ: Academia Brasileira de Filologia / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos / UERJ, v. 6., p. 145-159.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **O conhecimento, a terminologia e o dicionário**. Ciência e Cultura. [online]. 2006, vol. 58, n.2 [citado em 07/06/2012].
- CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: representación y comunicación**. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Iula/Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 1999, 369 páginas, ISBN 84-477-0673-7.
- COIMBRA, Artur Bicelli. **A pesca de subsistência na Terra Indígena Lago Ayapuí, baixo rio Purus, Amazônia Central**. 2009, 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia). Universidade Federal do Amazonas: UFAM, Manaus, 2009.
- FREITAS, Carlos Edwar de Carvalho e RIVAS, Alexandre Almir Ferreira. **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Ocidental**. Ciência e Cultura, São Paulo, vol.58, n. 3, July/Sept. 2006.
- LIMA, Maria Alice Lima. **A pesca em duas comunidades ribeirinhas na região do médio rio Madeira, Porto Velho – RO**. 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Pesqueiras nos Trópicos). Universidade Federal do Amazonas: UFAM, Manaus, 2010.
- POTTIER, B. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris, Klincksieck, 1974.
- SOUSA, Raniere Garcez Costa et al. **Mudanças Sociais na Pesca Artesanal: Um Estudo a partir da Pressão Sobre o Estoque de Tambaqui (Colossoma macropomum, Cuvier, 1818) do Lago Grande de Manacapuru (AM)**. In: IV Encontro Nacional da Anppas, 4,5 e 6 de junho de 2008, Brasília - DF – Brasil.
- WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. (Responsable de la edición: M. Teresa Cabré). Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA)/ Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 1998.